

JOSÉ LINS DO REGO E PEDRA BONITA

Batista de Lima

O episódio de Pedra Bonita é retomado na literatura, por José Lins do Rego, em romance de 1938. Antes, Araripe Júnior já havia abordado o assunto em O Reino Encantado, romance de 1878. Esse tema de fanatismo religioso e de sebastianismo no interior de Pernambuco extrema com a Paraíba vem, através de José Lins, temperado com ingredientes do cangaço. Fanatismo e cangaço são temas constantes na literatura que se produz sobre o chão árido do Nordeste. Esse livro, já na sua 13ª edição, da José Olímpio Editora, com análises de Antônio Carlos Villaça e Peregrino Júnior, inicia uma saga que tem sua continuidade em Cangaceiros, de 1953, do mesmo autor.

O romance conta a história de Antônio Bento, descendente de antigos personagens do massacre de Pedra Bonita, que é criado pelo Padre Amâncio, vigário da Vila do Açú. O estigma dos fanáticos sebastianistas monitora o destino do acólito do vigário. Há como que uma maldição sobre a pessoa de Bento que paga caro por suas ligações familiares com a família Vieira, que além de ter tido marcante atuação no sangrento episódio, teve um dos seus representantes como denunciador do que se praticava no arraial de fanáticos.

O livro de José Lins do Rego aparece exatamente no centenário da destruição do reduto da Pedra. Mas também apresenta todas as facetas da repressão ao fanatismo e ao cangaço, ocorrida à época. O autor é paraibano, nascido em 1901 e integrante do grupo de escritores responsáveis pelos famosos romances de trinta em que a temática era geralmente seca, fanatismo e cangaço. Uma das fontes inspiradoras do romancista para elaborar esse romance foi a Literatura de Cordel, principalmente a produção de João Martins de Ataíde. Esse cordelista foi quem melhor retratou a saga dos “Vieiras”, família que produziu muitos cangaceiros e fanáticos no Nordeste. A seca leva à pobreza extrema, então o sertanejo desprotegido apela para a providência divina, através do fanatismo. Quando esse apelo não tem resposta satisfatória ele parte para o cangaço, também como uma forma de sobrevivência.

Voltando a Pedra Bonita, é bom acrescentar que é uma história impregnada do trágico e do fantástico. E tudo gira em torno de Benti-nho, ou Antônio Bento, e a ambivalência do seu destino. Depois, como personagem importante está a vila de Açú com seu arruado humilde e sua população marcada pela presença de cangaceiros, fanáticos, cantadores, penitentes e assassinos. Esses ingredientes dão um aspecto épico à narrativa como uma preparação para a saga do cangaceiro Aparício que vai ser o personagem principal de Cangaceiros.

José Lins do Rego escreveu sobre aquilo que ouviu na bagaceira do engenho Corredor, onde nasceu, no alpendre da casa grande ou nas histórias de trancoso da velha Totônia. Essas influências todas, inclusive sua religiosidade telúrica o acompanharam até a morte aos 56 anos, em 1957. Antes de iniciar sua narrativa, ele adverte o leitor, afirmando: “A narrativa deste romance quase nada tem de ver com o geografia e o fato histórico desenrolado em Pernambuco nos princípios do século XIX”. Acontece que através do decorrer de sua narrativa José Lins dá a impressão de que quer realmente se distanciar do acontecimento real, mas termina se aproximando do episódio cada vez mais. Isso fica patente para quem conhece os fatos ocorridos em 1838, que culminaram com o massacre em um só dia, de mais de cinquenta pessoas sacrificadas em nome de um sebastianismo exacerbado.

No princípio da história ele descreve detalhadamente a Vila do Açú, onde “a vida era miúda como a gente”. Essa gente miúda responde pelo nome de Antônio Bento, Padre Amâncio, a zeladora Francisca Monte, o sacristão Laurindo, coronel Evangelista, Dona Margarida, Dona Eufrásia (irmã do padre), Maria da Luz, a negra Maximina, Dona Aua, Joca Barbeiro, Dioclécio, major Cleto, capitão Joca de Matos, Deodato, Sinhá Josefina e Aparício que é nome constante em cada geração da família Vieira. Era um povo tão miúdo que até os pecados eram pequenos, bem como as penitências dadas pelo vigário. Aos homens pecadores competia pintar as torres da igreja e às mulheres, varrer e espanar o templo.

Era no entanto um povo marcado pela religiosidade. Muitos eram devotos do Padre Cícero. Mesmo assim tinham como ídolos Antônio Silvino, Jesuíno Brilhante, Cabeleira e Luís Padre, todos cangaceiros famosos. Portanto, qualquer direção que se tome na narrativa,

sempre ela nos remete à Pedra Bonita como algo de assombroso: “da Pedra Bonita não vinha gente que prestasse”. E era exatamente de lá que tinha vindo Antônio Bento o personagem principal da narrativa.

Esse personagem ao longo da história vai se dividindo entre a pureza do Padre Amâncio, com quem mora, e os apelos da família para um retorno à cena fanática do reino da Pedra. Bento para a população do povoado, era “um traste da Pedra Bonita que eles todos do Açú suportavam”. Diante desse conflito, Bento se tornava “bisonho, acanhado”, na tenra idade de dezessete anos. Chegavam até a afirmar: “Açú não vai para diante por causa da Pedra Bonita”.

Com relação ao estilo da escritura de José Lins do Rego, nesse livro, pode-se dizer que não há purismo, ou seja, apuro formal como faria um Graciliano Ramos. José Lins é um contador de histórias e retratista de tipos nordestinos mais influenciado por Gilberto Freire do que formador de um estilo pessoal marcante. Sua paragrafação é eclética a tal ponto que num mesmo capítulo o leitor enfrenta parágrafos longuíssimos de até três páginas para logo em seguida aparecer um outro de duas linhas. Esses caracteres passam até despercebidos do leitor comum, porque o enredo é que vai prendendo a nossa atenção diante da agrestividade do sertão encrespado e do destino que se espera para Bento, o personagem principal. A última frase do livro é um fechamento determinista coroador da saga desse personagem marcado pela nordestinidade: “E Bento partiu a galope para Pedra Bonita”.